



IV Colóquio Internacional

A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores

7, 8 e 9 de junho de 2017

Anais



Promoção:
Universidade Nova de Lisboa
Fundação Casa de Rui Barbosa - RJ
Universidade Federal de Pelotas



Anais do IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores



(Página Intencionalmente deixada em branco)

Amanda Basilio Santos
Anderson Pires Aires
Carlos Alberto Ávila Santos
(Org.)

Anais do IV Colóquio Internacional

A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores

1ª Edição

Pelotas
CLAEC
2017

© 2017, CLAEC

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização previa por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Editoração e diagramação: Amanda Basilio Santos.

Capa: Fabrício Torchelsen Bassi.

ISBN 978-85-93548-04-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A484

C284

Anais do IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial [livro eletrônico]: Anatomia dos Interiores / Amanda Basilio Santos; Anderson Pires Aires; Carlos Alberto Ávila Santos (Organizadores). 1. ed.- Pelotas: CLAEC, 2017. 562p.

PDF - EBOOK

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-93548-04-8

1. História da Arte 2. História da Arquitetura

CDU 728

CDD 709

Observação: Os textos contidos neste e-book são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores, incluindo a adequação técnica e linguística.

ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

Comissão organizadora:

Dra. Isabel Mendonça (Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa)

Dra. Ana Maria Pessoa dos Santos (Fundação Casa de Rui Barbosa/MINC)

Dr. Carlos Alberto Ávila Santos (Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas)

Comitê Científico:

Dra. Ana Lúcia Vieira dos Santos (Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense)

Dra. Marize Malta (Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Dra. Ester Gutierrez (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas)

Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Faculdade de História da Universidade Federal do Pará)

Dr. José Belmont Pessoa (Programa de Pós-Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense)

Dr. Nelson Pôrto (Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo)

Dr. Hélder Carita (Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa)

Dr. Carlos de Almeida Franco (CITAR-Escola de Artes da Universidade Católica do Porto)

Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (CITAR-Escola de Artes da Universidade Católica do Porto)

Dr. José Ferrão Afonso (CITAR-E Escola de Artes da Universidade Católica do Porto)

Site e Facebook:

<http://vcoloquiosenhorial.wixsite.com/ivcoloquiosenhorial>

<https://www.facebook.com/IVCICS/>

Realização:

Universidade Federal de Pelotas, Fundação Casa de Rui Barbosa e Universidade Nova de Lisboa.

Financiamento: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

SUMÁRIO

Apresentação	01
EIXO TEMÁTICO I – Proprietários, Construtores e Artífices: Vivências e Rituais	03
“TRATAR-SE À LEI DA NOBREZA”: A FAMÍLIA OLIVEIRA BARBOSA E GRANDJEAN DE MONTIGNY	
<i>Ana Lucia V. Santos e Ana Pessoa</i>	04
ESTUCADORES DE VIANA DO CASTELO EM PALÁCIOS LISBOETAS – A OFICINA DE RODRIGUES PITA E DOMINGOS MEIRA	
<i>Isabel Mayer Godinho Mendonça</i>	28
VILA OSCARINA, RESIDÊNCIA LUXUOSA EM VITÓRIA: INÍCIO DO SÉCULO XX	
<i>Luciana Nemer Diniz</i>	61
A ESTÂNCIA DO SERRO FORMOSO-LAVRAS DO SUL. RS	
<i>Mônica de Macedo Praz</i>	76
ANÁLISE ESTILÍSTICA E CARACTERIZAÇÃO DE ARGAMASSAS DAS ESCARIOLAS DA CASA 8 (PELOTAS, BRASIL) – UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR	
<i>Pedro Luís Machado Sanches e Daniele Baltz da Fonseca</i>	106
PERMANÊNCIAS E INOVAÇÕES TÉCNICAS E ORNAMENTAIS EM CASAS SENHORIAIS URBANAS CONSTRUÍDAS PELOS BARÕES DO CAFÉ EM CAMPINAS – SP	
<i>Renata Baesso Pereira e Ivone Salgado</i>	129
FREDERICO STECKEL: PINTOR-DECORADOR DO IMPÉRIO E DA REPÚBLICA	
<i>Ricardo Giannetti</i>	156

EIXO TEMÁTICO II – Identificação das estruturas e dos programas distributivos e o estudo de nomenclaturas funcionais e simbólicas de cada espaço.....	180
A BELLE ÉPOQUE EM SÃO PAULO: ANÁLISE DA RESIDÊNCIA DE NUMA DE OLIVEIRA DE VICTOR DUBUGRAS (1903)	
<i>Amanda Bianco Mitre.....</i>	<i>181</i>
PRIVACIDADE, HIGIENE, CONFORTO E SOFISTICAÇÃO EM CASAS URBANAS DE CLASSE ALTA DE RIBEIRÃO PRETO NO INÍCIO DO SÉCULO XX	
<i>Ana Carolina Gleria Lima e Maria Angela P.C.S. Bortolucci.....</i>	<i>195</i>
A CASA-SEDE DA FAZENDA DA TAFONA: ORGANIZAÇÃO E EVOLUÇÃO DE UMA VIVENDA LUSO-BRASILEIRA	
<i>Ciane Luísa Junges Et al.....</i>	<i>211</i>
O ESPAÇO COMO CAMPO SIMBÓLICO: REGISTROS DO HABITAR NO SOLAR AMADO BAHIA EM SALVADOR, BAHIA	
<i>Emyle dos Santos Santos e Victor Hugo Carvalho Santos.....</i>	<i>226</i>
PAÇO, SOLAR, SOBRADO, PALÁCIO E PALACETE: NOMENCLATURAS DA CASA SENHORIAL DA IDADE MÉDIA AO SÉCULO XIX	
<i>Helder Carita.....</i>	<i>243</i>
QUARTO DE COSTURA: ESPAÇO FEMININO NO SÉCULO XIX E XX. SOLAR DA BARONESA – PELOTAS/RS	
<i>Larissa Tavares Martins.....</i>	<i>260</i>
A CASA SENHORIAL NO SERTÃO BAIANO: A SEDE DA FAZENDA MORRO BRANCO DE JUVINO RIBEIRO	
<i>Luiz Alberto Ribeiro Freire.....</i>	<i>278</i>

A CASA SENHORIAL EM CONTEXTO RURAL: ESTUDO DE CASO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, SÉCULO XIX

Rafael Augusto Silva Ferreira e Renata Baesso Pereira.....307

EIXO TEMÁTICO III – *A ornamentação fixa: azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés/lareiras, janelas, portas, pára-ventos e outros bens integrados*.....335

DO MANUAL À PRÁTICA: O REPERTÓRIO ORNAMENTAL DO SALÃO DE BILHAR DO PALÁCIO LARANJEIRAS NO RIO DE JANEIRO

Ana Claudia de Paula Torem.....336

LADRILHOS HIDRÁULICOS: TAPETES DE CIMENTO, AREIA E PIGMENTO NOS CASARÕES SENHORIAIS DE PELOTAS – RS

Andréa do Amaral Dominguez e Carlos Alberto Ávila Santos.....350

ESTUQUES EM RELEVO E TÉCNICAS PICTÓRICAS – METODOLOGIA DE INVENTÁRIO

Cristina Jeannes Rozisky, Fabio Galli e Carlos Alberto Ávila Santos.....380

ENTRE ESTUQUES, LADRILHOS HIDRÁULICOS E ASSOALHOS DE MADEIRA DA LOJA PARIS N’AMÉRICA

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes.....405

ARTE E MEMÓRIA: BENS INTEGRADOS DO SOLAR SALDANHA EM SALVADOR, BAHIA

Maria Herminia Olivera Hernández.....422

AOS QUE CHEGAM: AS ESCULTURAS DO HALL DO PALÁCIO DO CATETE

Paulo Celso Liberato Corrêa.....437

EIXO TEMÁTICO IV – O equipamento móvel nas suas funções específicas e suas relações com o espaço; o conjunto e as circulações das peças; a atmosfera do lugar.....454

O INVENTÁRIO MARIA TOMÁSIA: LIBERALISMO E DISTINÇÃO

Ana Pessoa e Ana Lucia V. Santos.....455

ENTRE O FUNCIONAL E O ORNAMENTAL: PRATARIA DOMÉSTICA EM ACERVOS DO PORTO NA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa.....471

INVENTÁRIO, INVENÇÃO E INDIVIDUAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS MÓVEIS E APETRECHOS DO CONDE DA BARCA A PARTIR DE DOCUMENTOS DESCRITORES

Marize Malta e Patricia D. Telles.....497

PEQUENOS ACHADOS FORTUITOS: VESTÍGIOS DAS DIFERENTES OCUPAÇÕES DO CASARÃO NÚMERO 8, CENTRO DE PELOTAS, RS, BRASIL

Taciane Silveira Souza e Pedro Luís Machado Sanches.....514

CONSTRUTORES E ARTÍFICES E OS BENS INTEGRADOS AOS CASARÕES ECLÉTICOS PELOTENSES: EM DOCUMENTAÇÃO DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

Carlos Alberto Ávila Santos.....525

A COLEÇÃO DE AZULEJOS PORTUGUESES DO MUSEU DO AÇUDE: SALAS NOBRES

Mariana Rodrigues e Ana Pessoa.....537

APRESENTAÇÃO

A presente publicação reúne os artigos relativos às comunicações realizadas no **IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores**, que ocorreu na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, nos dias 7, 8 e 9 de junho de 2017, e que foi desenvolvido no Auditório do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

O IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores é uma reunião científica de pesquisadores, aberta aos estudiosos de todo mundo, para compartilhar e confrontar pesquisas acerca dos ambientes internos dos casarões residenciais edificadas para as classes dominantes às casas de estratos médios da população, desde o século XVII ao início do XX.

Nesta edição, o evento compreendeu também a realização do I Encontro Internacional Casas Senhoriais: estudos luso-brasileiros em arte, memória e patrimônio, reunindo os estudiosos luso-brasileiros do grupo de pesquisa de mesmo nome, credenciado no CNPq, e estende a temática para a análise dos bens integrados às caixas murais dos prédios – interna e externamente – e aos jardins organizados no entorno das moradas.

No IV Colóquio foram abordados quatro eixos temáticos que deram origem aos artigos encontrados nesta publicação: I. Proprietários, construtores e artífices. Vivências e rituais; II. Identificação das estruturas e dos programas distributivos e o estudo de nomenclaturas funcionais e simbólicas de cada espaço; III. A ornamentação fixa: azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés/lareiras, janelas, portas, pára-ventos e outros bens integrados; IV. O equipamento móvel nas suas funções específicas e suas relações com o espaço; o conjunto e as circulações das peças; a atmosfera do lugar.

O evento – que teve apoio da CAPES – é resultante da iniciativa do grupo de pesquisa Estudos luso-brasileiros em arte, cultura e patrimônio, registrado no CNPQ, e que congrega pesquisadores da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade Católica do Porto, da Fundação Casa de Rui Barbosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Pelotas.

O IV Colóquio A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores deu sequência aos encontros organizados: em Lisboa, nos dias 4, 5 e 6 de junho de 2014 e promovido pela Universidade Nova de Lisboa; no Rio de Janeiro, nos dias 11, 12 e 13 de agosto de 2015 e organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa; no Porto, nos dias 16 e 17 de junho de 2016 e sediado pela Universidade Católica do Porto.

Em Pelotas foram apresentadas quarenta e duas comunicações proferidas por cinquenta e dois investigadores provenientes de Portugal, da Colômbia, do Peru e do Brasil. Os últimos, originados dos Estados do Pará, da Bahia, de Goiás, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. O conteúdo dos artigos publicados é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Carlos Alberto Ávila Santos
Presidente da Comissão Organizadora



EIXO TEMÁTICO 1:

Proprietários,
construtores e artífices.
Vivências e rituais



IV Colóquio Internacional

A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores

7, 8 e 9 de junho de 2017

Universidade Federal de Pelotas - Pelotas - RS - Brasil



“TRATAR-SE À LEI DA NOBREZA”:

A FAMÍLIA OLIVEIRA BARBOSA E GRANDJEAN DE MONTIGNY

Ana Lucia V. Santos,
Doutora de História, EAU/UFF,
aluciavs@gmail.com

Ana Pessoa,
Doutora em Comunicação, FCRB,
anapessoa55@gmail.com

O sitio destas Casas é magnífico, e talvez o melhor da Cidade, não só por ser lavado de bons ares, mas em uma rua mui larga e asseada, tendo no principio hum formoso Chafariz, e no fim o Passeio Público, tudo obra do falecido Luís de Vasconcelos; temos próximas três Igrejas, e duas Capelas, uma Praça de hortaliça, e o Matadouro com açougue, além de mil outras comodidades, que talvez se não achem juntas a favor da maior parte das Casas desta Cidade; sendo de não menos vantagem a proximidade do mar para limpeza e despejo da Casa, o recreio do nosso quintal para a família, e a comodidade para ter criações em socorro de qualquer moléstia, contando já minha mulher grande número de galinhas, objeto do seu divertimento. (MARROCOS,2008, p. 444)

Este artigo apresenta um estudo, a partir de fontes diversas, de reforma de um palacete situado à Rua do Passeio, esquina com a Rua das Marrecas, encomendada pela família Oliveira Barbosa a Grandjean de Montigny, ainda no início da estada do arquiteto no Rio de Janeiro. As qualidades da região do Passeio Público são o tema do trecho em epígrafe, de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos,¹ que buscava convencer o pai das vantagens que teria

¹ Luís Joaquim dos Santos Marrocos chegou ao Rio de Janeiro em 1811, acompanhando a transferência do acervo da Real Biblioteca. A copiosa correspondência enviada por ele à família é sem dúvida uma das mais valiosas fontes para o estudo do Rio de Janeiro no período joanino e início do primeiro império. Observador atento e mordaz tanto da vida quotidiana quanto da vida da Corte, o bibliotecário real nos legou importante conjunto de notas sobre hábitos, lugares, personagens e relações sociais e políticas desse período. As cartas iniciais são em tom queixoso e desgostoso em relação às condições de vida no trópico, que aos poucos vai

mudando-se para esta cidade. O bibliotecário e sua mulher Ana Rosa de Sant'Iago moravam na rua das Marrecas, em casas pertencentes a D. Angélica de Oliveira Gonçalves, viúva de Tomás Gonçalves. Comendador e sargento Mor de Malta e professo na Ordem Militar de Cristo, Tomás Gonçalves foi um dos grandes negociantes da cidade na virada do século XVIII para o XIX, tendo sido citado na famosa lista do Conde de Rezende, que enumerou aqueles que seriam capazes de socorrer a Coroa com seus cabedais. Dona Angélica tornou-se comadre do casal Marrocos, batizando sua filha Maria Teresa em seu oratório privado.

Além dos bons ares e muitas comodidades, Marrocos menciona várias vezes seus vizinhos ilustres, como o Conde da Barca e José Egídio Álvares de Almeida, futuro Marquês de Santo Amaro. À época da chegada da Corte portuguesa, a região à volta do Passeio Público ainda era formada por grandes terrenos com características de chácaras, que foram ocupadas por nobres e altos funcionários recém-chegados. O processo de urbanização dessa área se intensificou no último quartel do século XVIII, com as grandes obras promovidas por Luís de Vasconcelos e Sousa. A região onde o Vice-rei construiu o Passeio Público (1779-1783) era considerada subúrbio da cidade, e fazia parte do cinturão de abastecimento de verduras, frutas para a população urbana, além de capim para seus animais.



Fig. 1 – Loteamento da área onde seria edificado o Passeio Público, sobre detalhe do 'Plano da Cidade do Rio de Janeiro Capital do Estado do Brazil'. José Custódio de Sá e Faria. 1769. Original manuscrito da Mapoteca do Itamarati (Ministério das Relações Exteriores), Rio de Janeiro.

cedendo lugar a uma adaptação ao novo país, conforme também se configura uma nova estrutura social e política na nova sede do império português.

Já na década de 1780, alguns dos grandes negociantes do Rio de Janeiro aparecem como credores de foro nas escrituras de transmissão dessa região². A compra de propriedades urbanas e rurais fazia parte das estratégias de investimento e proteção do capital dos comerciantes de grosso trato, como demonstrou Luís FRAGOSO (1998). Na região do Passeio Público encontramos pelo menos três deles como proprietários de casa e terrenos: Brás Carneiro Leão, Manuel Velho da Silva e Tomás Gonçalves.

Os dois primeiros faleceram à época da chegada da Corte, Manuel em 10 de abril de 1807 e Brás em 03 de junho de 1808. Suas viúvas e filhos continuaram seus negócios, e adquiriram proeminência na vida da Corte, socorrendo financeiramente e com cessão de imóveis as primeiras necessidades dos recém- chegados. Leonarda Maria da Conceição nasceu no Rio de Janeiro em 06 de dezembro de 1754, e casou-se com Manuel Velho da Silva em 01 de setembro de 1776. Tiveram seis filhos que chegaram à idade adulta. Faleceu em 08 de outubro de 1825, em sua chácara da Glória, uma das propriedades que esteve cedida aos portugueses. Ana Francisca Rosa Maciel da Costa nasceu no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1757. Casou-se com Brás Carneiro Leão em 20 de setembro de 1772, e as testemunhas foram o Marquês do Lavradio, então Vice-rei do Brasil, e D. Antônio de Lencastre, governador e Capitão general de Angola. O casal teve extensa prole. Recebeu do Príncipe Regente o título de Baronesa de São Salvador de Campos dos Goitacazes em 19 de dezembro de 1812. Faleceu em 12 de julho de 1832. As duas famílias teriam destaque no serviço real e imperial, recebendo diversos títulos de nobreza.

O Comendador Tomás Gonçalves foi considerado uma das maiores fortunas da corte, e era possuidor de várias propriedades na cidade, que lhe renderam posição entre os maiores detentores de renda imobiliária urbana no período (CAVALCANTI, 2004). Tomás era espanhol, e casou-se no Rio de Janeiro com Dona Maria Angélica Oliveira. A família viveu inicialmente na freguesia de Santa Rita³, onde sabemos que Tomás teve propriedades na rua das Violas, e sediou sua casa comercial na rua dos Pescadores, possivelmente morando no mesmo endereço. O casal teve pelo menos três filhos: José Marcelino, que seria também negociante, viador de Sua Majestade a Imperatriz e representante diplomático do Brasil em Paris; Joana, e Maria Tomásia.

² Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara Sécs. XVII e XVIII. Disponível em www.mauricioabreu.com.br/escrituras. Acesso em 24/06/2017.

³ Os dados genealógicos mais antigos da família Gonçalves foram cedidos por Cau Barata. Os livros da Freguesia de Santa Rita para o período estão perdidos.

A família Gonçalves mudou-se para o Passeio Público no início do século XIX, antes de 1803, quando já encontramos registros de batismos realizados no seu oratório privado da casa da rua do Passeio. Tomás tinha outras propriedades na área, nas ruas das Mangueiras e das Marrecas.

Maria Tomásia casou-se com o Tenente Coronel José de Oliveira Barbosa, em data que ainda não foi possível precisar. Oliveira Barbosa nasceu em 22 de agosto de 1753 na Fortaleza de São João, comandada por seu avô materno, o Sargento Mor Francisco Pereira Leal. José seguiu a tradição militar da família, servindo na Artilharia, como bombeiro. Seria mais tarde Lente na Academia Militar.

Quando se casou com Maria Tomásia, José era viúvo de Ana Joaquina Velasco Molina, filha legitimada de Vicente Velasco Molina, delegado de Portugal em Buenos Aires, dentro das negociações do Tratado de Santo Ildefonso. Sua carreira militar prosseguiu com sucesso, sendo promovido a brigadeiro quando da chegada de D. João ao Brasil.

Oliveira Barbosa foi nomeado governador de Angola em 12 de julho de 1809. Em 23 de fevereiro de 1810 foi promovido a marechal. Aproximadamente nesta data partiu para Luanda, onde chegou no mês de maio com toda a família, que já contava com três filhos.

Temos poucas informações sobre o governo de Oliveira Barbosa em Angola, e mesmo sobre o palácio dos Governadores onde a família deve ter habitado, do qual há plantas e fachadas em desenhos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁴.

Seu sucessor no governo, Luís da Mota Feio e Torres, tomou posse em 03 de julho de 1816, o que permitiu a volta da família ao Rio de Janeiro, embora não tenhamos registros exatos da viagem. Considerando que a viagem de Luanda ao Rio de Janeiro levava cerca de trinta dias, é provável que ainda tenham encontrado Tomás Gonçalves com vida. O patriarca faleceu em 16 de outubro de 1816, e seus bens foram partilhados entre a viúva e os três filhos. Os negócios tiveram continuidade pela firma Viúva Gonçalves e filho, o que indica a exclusão de Tomásia e Joana dessa parte da herança. Sabemos que Dona Maria Angélica continuou habitando a casa da Rua do Passeio, onde também vivia seu filho José Marcelino. Tomásia ficou com uma propriedade na mesma rua, vizinha à de seus pais, onde possivelmente já morava.

Foi também em 1816 que chegaram ao Rio de Janeiro os artistas franceses liderados por Joaquim Lebreton. Como se sabe, Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny era o

⁴ Magalhães, Antonio Maximo de Souza. *Fachadas e plantas baixas da edificação*. Iconografia. ARC.29.8.4(6). Disponível em http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=36830, acesso 05/07/2017.

arquiteto do grupo, e chegou ao Rio de Janeiro acompanhado por sua segunda mulher, Madeleine Catherine Victoire Cavaro, quatro filhas, uma criada e dois assistentes, Symphorien Louis Meuniè e Charles Louis Joseph Levavasseur.

Grandjean de Montigny nasceu em Paris em 15 de julho de 1776, numa família burguesa. No ano de 1793, entrou para a Academia de Belas Artes da mesma cidade, buscando formação de arquiteto. Em seu período de estudos ganhou vários prêmios, o mais prestigioso deles sendo o Grand Prix de Rome de 1799, a que concorreu com um projeto de um *Elysée ou Cimitière Public*. O jovem arquiteto só partiria para Roma em 1801, acompanhando o novo diretor da Academia de França naquela cidade, Joseph-Benoît Suvée e sua família.

Os alunos da Academia de França tinham como plano de estudos na Itália o levantamento e desenho de monumentos antigos, devendo remeter essa produção a Paris. Além de Roma, Auguste viveu em Florença, onde faleceu sua primeira mulher. Anne Marguerite Louise Garnier juntara-se a ele com a pequena Augustine⁵, nascida em Vernon após a partida do pai para a Itália. O arquiteto retornou antecipadamente à França, tendo cumprido as tarefas estabelecidas pela Academia.

Em Paris Grandjean casou-se pela segunda vez⁶, e preparou juntamente com Auguste Famin a edição do livro *Architecture Toscane*, com desenhos de casas, palácios e outros edifícios levantados durante sua estada na Itália. Em 1807 foi indicado pelo Institut de France para ocupar o cargo de arquiteto da Corte de Jérôme Bonaparte, irmão de Napoleão, em Cassel, na Vestfália. A família acompanhou Grandjean na mudança para a Vestfália, e lá nasceram duas de suas filhas, Adelaide Victoire e Eleonora Augusta⁷.

Em Cassel, Grandjean de Montigny teve a oportunidade de projetar e executar os edifícios idealizados. Como analisado por Mário Torres (TORRES, 1979), foi em Cassel que o arquiteto desenvolveu tipologias, arranjos espaciais e técnicas construtivas que viria a usar no Rio de Janeiro.

A enorme dispersão do acervo de projetos de Grandjean⁸ e a destruição dos edifícios

⁵ Augustine Elisa Julie nasceu em Vernon a 10 nêvose an X. Casou-se no Rio de Janeiro com o pintor francês Arnaud Julien Pallière. Os Pallière retornaram à França em 1830.

⁶ A segunda esposa de Grandjean de Montigny foi Madeleine Catherine Victoire Cavaro, que viria com ele para o Brasil, falecendo na casa da Gávea em 15 de novembro de 1829.

⁷ O primeiro filho do casal foi Auguste Henri, nascido em Paris em 10 de março de 1807. Não encontramos registro de óbito nem qualquer outra informação sobre o menino, não sendo possível determinar se ele foi para Cassel ou não.

⁸ O projeto O Gosto Neoclássico, coordenado por Ana Maria Pessoa dos Santos, digitalizou o acervo do Museu Dom João VI, Escola de Belas Artes/UF RJ, e reuniu em base de dados (ainda em finalização) os desenhos conhecidos do arquiteto, depositados em instituições brasileiras, alemãs, portuguesas e francesas.

por ele construídos em Cassel dificultam a análise pormenorizada desse período de sua produção.

Como salienta Margareth da Silva Pereira (PESSOA *et al*, 2016) a produção de Grandjean na Vestfália, e depois no Brasil se destaca pela recorrência de três programas: a assembleia, a academia e o palácio imperial. O primeiro programa encontrou plena expressão na Vestfália, e não chegou a se concretizar no Rio de Janeiro, onde o arquiteto projetou um edifício para a nova Câmara Municipal que não foi construído. É um programa que se baseia nos ideais da revolução francesa, dando expressão espacial a um sistema político mais democrático e igualitário, representado pela forma semi-circular do recinto de reuniões.

O programa Academia de Belas Artes começou a ser pensado em Cassel, e foi executado no Rio de Janeiro. Apesar de receber muitas críticas, como aliás toda a produção de Grandjean na cidade, era um edifício de caráter inovador, pois as escolas de Belas Artes ainda ficavam alocadas em edifícios adaptados, e não projetados para esse fim. O terceiro tipo-palácio imperial- também não foi executado no Rio de Janeiro, embora Grandjean tenha feito um projeto de ampliação do paço da Cidade, com as devidas alterações urbanísticas para colocá-lo em destaque.

É na variação em menor escala do palácio, o palacete, que a produção de Grandjean vai se destacar. Já em Cassel desenhou e construiu um palacete para sua própria família, dentro dos princípios arquitetônicos desenvolvidos pelos arquitetos franceses para sua clientela burguesa em ascensão social e econômica. Ligados aos negócios e às finanças, mais tarde também incluindo os militares, esses encomendantes constroem grandes casas, sempre que possível afastadas das divisas, em esquemas arquitetônicos mais flexíveis que aqueles aplicados nas casas da nobreza tradicional (TORRES, 1979).

Essas novas casas evoluem a partir da segunda metade do século XVIII, adotando um partido concentrado (*plan massé*), de inspiração italiana renascentista. Em geral a entrada se faz por um pátio formado por blocos de serviço, que leva ao corpo principal da casa. Nos fundos é comum que o edifício receba um corpo cilíndrico, de planta oval ou circular, que abriga uma sala com acesso direto ao jardim. Este tipo de arranjo arquitetônico foi também muito usado para pequenos pavilhões de recreio, chamadas *folies*, *bagatelles* ou *ermitages*, comuns nos parques das grandes casas.

O fim do Reino da Vestfália fez com que a família Grandjean voltasse à França. A situação política, social e econômica do país após a derrota de Napoleão não favoreceu a readaptação da família. Associado ao regime deposto, Grandjean enfrenta dificuldades de

conseguir trabalho, além de problemas financeiros⁹ e familiares¹⁰. Neste contexto, o arquiteto resolve mais uma vez partir, integrando-se ao grupo articulado por Joaquim Lebreton que viria para o Rio de Janeiro.

Os primeiros anos que sucederam a chegada dos franceses à cidade foram também de turbulência política, dentro do quadro que culminaria com independência do Brasil. A implantação da escola para formalização de ensino técnico e artístico que os teria por professores foi lenta. Em 12 de agosto de 1816 foi criada por decreto do Príncipe Regente a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, e foram atribuídas pensões aos artistas que nela lecionariam. No entanto, a academia só encontraria pouso regular em 1826, quando foi inaugurado o edifício projetado por Grandjean de Montigny, e todas as atividades passaram a ocorrer sob o mesmo teto. Até então, os professores recebiam alunos em suas próprias casas, ou ateliers alugados para esse fim.

A convivência entre profissionais franceses e portugueses não foi totalmente pacífica. A disputa de mercado que se instalou entre eles envolveu troca de correspondência na imprensa, com acusações de incompetência e mau gosto. Numa dessas cartas, o autor anônimo diz que o atraso na implantação da escola não deixou M. Grandjean sem o que fazer, enumerando projetos particulares que teriam sua autoria: “Mr. Grand-Jean não ficou sem ter o que fazer; foi o Arquiteto das casas do Excelentíssimo José de Oliveira Barboza, e do Sr. Luiz de Souza Dias.”¹¹

Dentre as inúmeras obras para particulares atribuídas a Grandjean de Montigny¹², por fontes coevas ou posteriores, a única encomenda confirmada é a do palacete de José de Oliveira Barbosa, situado na esquina entre as ruas do Passeio e das Marrecas, parte da herança de sua esposa Maria Tomásia, como demonstraremos.

Tomás Gonçalves faleceu sem testamento, e seu inventário não foi encontrado, de forma que não foi possível reconstituir perfeitamente seu grande patrimônio imobiliário.

⁹ Ao deixar Cassel, Grandjean abandonou sua casa, e possivelmente outros pertences. A casa foi leiloada para o pagamento de dívidas do casal, conforme notícia do *Frankfurter Ober-Post-Amts-Zeitung*, 1^o de junho de 1814, compartilhada pelo pesquisador Guillaume Nicoud.

¹⁰ *Declaração de Arteaga*. O documento trata da genealogia e trajetória da família Grandjean de Montigny, registrada em cartório no Chile por descendentes do arquiteto, e foi cedido às pesquisadoras pelo Sr. Luis Enrique Echeverría Domínguez.

¹¹ *Diário Fluminense*, 28 de janeiro de 1828.

¹² Além do Palacete Oliveira Barbosa, Morales de los Rios atribui a Grandjean de Montigny as seguintes casas particulares: sobrado Rua Catete 221, Sobrado Rua Correia Dutra 81, Mansão 2 pav Rua Gen Polidoro/Passagem, Casarão chácara Haddock Lobo 35 (Mataporcos). Casa de jantar Haddock Lobo 148 (Mataporcos), Mansão Mariz e Barros 308. Casa campo Catumbi. Edifício Silveira Martins 58, 60 e 62. Edifício Rua Municipal, Edifício Rua Beneditinos, Teatro Rocio Luiz de Souza Dias e Casa chácara Catumbi Luiz de Souza Dias.

Pode-se inferir que provavelmente comprou propriedades na área do Passeio Público no seguimento da abertura da Rua das Marrecas, quando parte do parcelamento foi modificado. Ele já aparece como possuidor de terrenos nessa área em 1782.

As sucessões e alterações de numeração na Rua do Passeio podem ser seguidas através da Décima Urbana, conforme tabela 1.

1808	1810	1818	1819	1825
1 sobrado do convento d' Ajuda	1 casa a construir	12 Convento da Ajuda	12 Convento da Ajuda	17 Convento da Ajuda
2 huma frente	2 arruinadas	13 a 15 casas a construïrem-se	13 Oliveira Barbosa – loja e sótão	16 José de Oliveira Barbosa
3 térreas	3 térrea – Thomaz Gonçalves			
4 sobrados de Tomás Glves	4 sobrado do mesmo	16 sobrados de D. Maria Angélica de Oliveira Gonçalves	14 Maria Angélica Oliveira Loja e 1º andar	15 Maria Angélica Gonçalves
5 sobrado de (ilegível) alugado	5 sobrado João Pedro de Moraes	17 Sobrado de João Pedro Carvº de Mor ^{es}	15 João Pedro de Carvalho	14 João Pedro de Carvalho de Mor ^{es}
6 sobrado de D. Maria Francisca (?) Borges	6 sobrado José Luiz Alves – alugado 400\$000	18 Sobrado do Exº Conde da Barca	16 João Ant. Araújo Azevedo	13 Fazenda Pública
7 sobrado de D. Anna de Castro	7 Anna de Castro	19 Herdeiros de Anna de Castro	17 pp dos herdeiros de D. Anna de Castro. Casa abarracada	12 ausentes

Tabela 1 – Evolução dos proprietários e da numeração em trecho da rua do Passeio entre 1808 e 1825. Fonte: Décima Urbana do Rio de Janeiro. Freguesia de São José. Fundo Câmara Municipal- Império. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

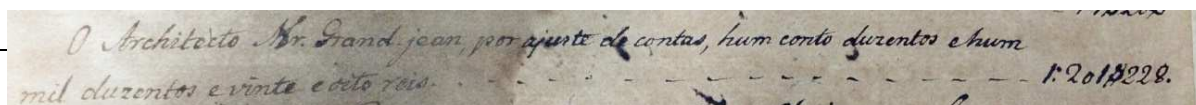
Vemos que José de Oliveira Barbosa só aparece como proprietário na rua do Passeio cerca de três anos após a morte do sogro. A casa de número 13, que depois passou a número 16, estava em obras em 1818. A numeração mostra que três propriedades foram reunidas num prédio único, indicando que uma reforma transformou três casas pequenas (em melhor ou pior estado) no palacete que serviu de moradia aos Oliveira Barbosa na volta de Angola. Deve-se ressaltar que nessa época os terrenos vagos não recebiam numeração, e que portanto em 1810

uma nova construção devia estar em andamento entre a fronteira (nº 2) e o convento da Ajuda, neste ano numerado por outra rua.

A morte de Maria Tomásia em 07 de agosto de 1825 levou à abertura de inventário¹³ pelo viúvo, para dar partilha a seus cinco filhos: José Tomás¹⁴, Joana Henriqueta, Maria Constança, Tomás Augusto e Constança Gabriela¹⁵, os três últimos menores.

Como é comum nos inventários com herdeiros menores, as avaliações dos bens do casal Oliveira Barbosa são bastante detalhadas, permitindo as análises apresentadas pelas autoras nos dois artigos deste colóquio¹⁶. O trabalho de reconstituição das trajetórias dos membros das famílias Gonçalves e Oliveira Barbosa lança luz sobre mecanismos de ascensão social das famílias cariocas: o serviço ao Rei e o enriquecimento através do comércio de grosso trato, muitas vezes reforçados por alianças matrimoniais. Alcançar novos pontos da hierarquia social tinha entre seus sinais exteriores a obtenção de títulos de nobreza: José de Oliveira Barbosa foi Barão do Passeio Público (24 de outubro de 1829) e Visconde do Rio Comprido (18 de julho de 1841). Por seu caráter simbólico, a moradia também é poderosa comunicadora de status e poder, através da localização no tecido urbano, sua tipologia e decoração e acabamentos.

O inventário de Maria Tomásia nos fornece o primeiro documento a comprovar a contratação dos serviços de Grandjean de Montigny. Na declaração de dívidas ativas, Oliveira Barbosa declara dever ao “Architecto Mr. Grandjean, por ajuste de contas, hum conto duzentos e hum mil duzentos e vinte oito reis.....1:201\$228.”.



sobre as propriedades imobiliárias do casal e seus interiores, auxiliando a reconstituição dos hábitos e do modo de vida da família. ANRJ, CODES, Juízo de Órfãos e Ausentes, ZN, n.4075, caixa 916, gal. A

¹⁴ José Tomás de Oliveira Barbosa (05 de fevereiro de 1803 – 1888). José Tomás teve precoce carreira militar, acompanhando o pai a Angola como seu ajudante de ordens com apenas dez anos (*Jornal do Comércio*, 7 de março de 1888). Foi nomeado, em 1840, servidor do então criado Arquivo Público, onde permaneceria até sua aposentadoria em 1888, poucos meses antes de falecer (*Idem*). José Tomás seria um emérito paleólogo e colecionador de documentos, tendo participado com inúmeros itens da Exposição História do Brasil, realizada pela Biblioteca Nacional em 1881. Um dos itens expostos de sua coleção foi o desenho original ,a nanquim, do Palácio de Bolsa, de Grandjean de Montigny, “Plan façade et coupe de la Bourse tel quil est exécuté a Rio de Janeiro l’an MDCCCXX. Dedié a Son Excellence Monseigneur comte S. Lourenço par Grandjean de Montigny Architecte”. Sua coleção de gravuras seria adquirida pela Biblioteca.

¹⁵ Joana Henriqueta Barbosa [de Albuquerque], batizada em 12 de junho de 1804. Foi casada com Francisco Xavier Rapozo de Albuquerque, e após sua morte tornou-se freira com o nome de Isabel Maria da Visitação. Maria Constança de Oliveira Barbosa, nascida a dois de junho de 1805. Tomás Augusto de Oliveira Barbosa tinha nove anos quando perdeu a mãe, o que situa seu nascimento em torno de 1816. Possivelmente nasceu em Angola, e ainda não foi possível localizar o assento de óbito, sabendo-se que chegou à idade adulta. Constança Gabriela de Oliveira Barbosa, nascida a 14 de janeiro de 1819. Casou-se com o Desembargador Luiz Fortunato Brito Abreu S. Menezes.

¹⁶ Ver também o artigo “O inventário de Maria Tomásia: liberalismo e distinção”, em que são analisados os bens móveis do casal.

Fig. 2 – Declaração de dívida de Oliveira Barbosa a Mr. Grandjean. Inventário de Maria Tomásia de Oliveira Gonçalves. ANRJ.

O valor ainda devido ao arquiteto era elevado, correspondendo a uma boa casa térrea em área urbana, mas não sabemos a quantos projetos se refere, ou se também incluía execução da obra. Tampouco sabemos quanto já havia sido pago, mas esta é a primeira indicação de valores para um trabalho arquitetônico neste período.

A escolha do arquiteto francês para construção de sua nova casa indica que Oliveira Barbosa procurava expressar sua posição social, e mesmo certa modernidade. O cargo de governador de Angola era tradicionalmente ocupado por membros das boas famílias portuguesas, sempre dedicados ao serviço real. Não conhecemos perfeitamente as circunstâncias que levaram à nomeação de Oliveira Barbosa para o lugar, além do interesse naquele momento de ter um bom militar no comando daquela colônia, diante das pressões que os portugueses vinham sofrendo no norte de Angola por parte de potências como Inglaterra e França. O fato de ter sido genro de Vicente José Velasco Molina também pode ter pesado a seu favor, apesar de já viúvo e casado pela segunda vez. A herança de Maria Tomásia certamente contribuiu para que o casal pudesse investir em representação social, tanto através de sua nova casa como adquirindo objetos de luxo, presentes em seu inventário.

O partido adotado para sua nova casa tinha características neoclassicizantes, como o uso de frontão e platibanda no lugar dos vastos beirais coloniais, composição simétrica das fachadas, com a entrada assinalada por colunas no tramo central da fachada para a rua do Passeio. Entretanto, o elemento arquitetônico mais destacado ficava na fachada posterior: o elegante hemicírculo pontuado de colunas, que destacava a casa na paisagem.

Apesar de ter sido demolida em 1936, dando lugar a um edifício comercial que abrigava a sala cinematográfica Metro Passeio, a casa tem vasta representação iconográfica, principalmente de sua fachada posterior¹⁷. As muitas imagens desta fachada revelam três diferentes planos da construção: o primeiro que constituía o bloco frontal para a rua do Passeio, outro intermediário, com construções laterais, e o terceiro, que recebia no segundo piso uma elegante varanda em hemicírculo, em meio a dois pequenos torreões.

¹⁷ *A Lapa e a Igreja da N. S. Gloria do Outeiro vista da rua dos Barbonos*, Arnaud Julien Pallière, c. 1820, *Vista da baía do Rio de Janeiro*, Adrien Taunay, c. 1822; *Vista do alto do morro de Santo Antônio*, Nicolas-Antoine Taunay; *Panorama da Cidade do Rio de Janeiro*, Desmons c. 1854



Fig. 3 – “A Lapa e a Igreja Nossa Senhora da Gloria do Outeiro visto da rua dos Barbonos” de A. Pallière, 1821, com os fundos da casa dos Oliveira Barbosa à direita. (PESSOA, Ana, 2011,p.168)

Suas fachadas frontal e lateral foram retratadas no início do século XX, quando já estava alugada para uso comercial. Fotos aéreas também desse período permitem acompanhar o processo de adição de volumes no pátio interno e quintal, que agravou o processo de deterioração do imóvel. Os arcos plenos que arrematavam os vãos do primeiro pavimento foram substituídos por verga reta, tanto na fachada do Passeio quanto na lateral para a Rua das Marrecas.

A Biblioteca Nacional possui um desenho que representa o andar nobre desta casa¹⁸. Não encontramos em nenhum arquivo outros desenhos da mesma casa e, embora autoria do projeto já seja inequívoca, não podemos dizer que esta planta tenha sido desenhada pelo próprio Grandjean de Montigny. É possível que o desenho tenha sido executado por um de seus auxiliares, ou talvez por algum aluno, uma vez que a caligrafia não corresponde à do arquiteto. O desenho é um estudo preliminar, e ainda podem-se ver marcações a lápis indicativas do estudo de proporções e distribuição. Os cômodos estão nomeados por letras minúsculas, mas não há legenda para identificar claramente os usos propostos.

¹⁸ BNRJ. *Planta do palacete Oliveira Barbosa, a rua do Passeio* [Iconográfico] Disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon325970/icon325970.jpg, acesso em 06/07/2017.

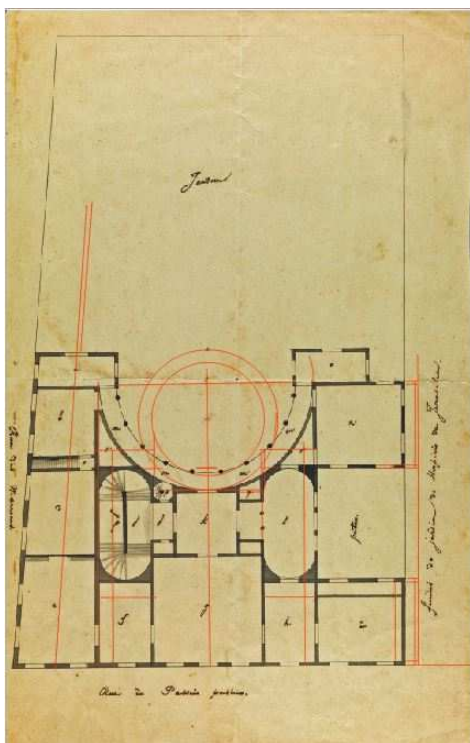


Fig. 4 - Planta do palacete Oliveira Barbosa, à Rua do Passeio, com as linhas de construção do desenho assinaladas em vermelho. Desenho das autoras, sobre original da BNRJ.

Aliada à vasta iconografia, temos a descrição contida no inventário de Maria Tomásia, que nos fornece algumas dimensões em palmos, além de citar os usos de alguns cômodos:

Fomos a rua do Passeio para avaliarmos uma morada de casas de sobrado Número dezesseis fazendo canto a rua das Marrecas cujas de vão cento e cinquenta e um palmos, e de fundo cento e vinte e quatro com várias janelas por ambas as frentes, sete portais três dos ditos de cantaria a sua formação em ambas as frentes lado e fundo todas as suas divisões paredes de pedra e cal seus arcos de tijolo e abóbada do mesmo colunas com cinco Salas, Sala de jantar na Varanda vários quartos para cômodos, e uma Sala para Oratório tudo forrado ladrilhado de pedra mármore a Casa de Jantar a Varanda a Sala de espera com seu terraço ao lado ladrilhado de azulejo e seu sótão com Sala seus quartos para cômodos hum dos ditos forrado de madeira e tudo o mais de estuques com o seu terraço ladrilhado de azulejo com suas janelas pelas frentes lados e fundo com caixilhos de vidraças o saguão ladrilhado de pedra e forrado com sua sobre loja com seus quartos para Cômodos e também na loja seus quartos com Cocheira e Cavalariça despensa e cozinha com sua área de um lado calçada de pedra e seu Pátio no fundo da Casa e Varanda ladrilhada e calçada de pedra com sua gradaria de ferro com seu Quintal com cento e trinta e dois palmos com seus muros de tijolo dobrado e seu telheiro (...) Saguão da área calçado de pedra com seus meio fios de cantaria todo forrado e uma escada com degraus de pedra...

O cruzamento das várias fontes iconográficas com a documentação escrita permite avançar, ainda que num estágio preliminar, na interpretação da casa.

A primeira questão diz respeito à possível pré-existência. Sabemos pela Décima Urbana que a propriedade de Oliveira Barbosa correspondia a três lotes anteriores. Pode-se

ver em plantas da virada do século XIX para o XX dois retângulos no trecho que corresponde à casa, um maior na esquina com a rua das Marrecas, e outro muito menor, contíguo ao primeiro.



Fig. 5 – Detalhe de *Plano da Cidade do Rio de Janeiro elevado em 1791*, copiado em 1803 por Francisco Antonio da Silva Betancourt. BNRJ

A planta nos mostra que havia uma parede mais grossa separando os cômodos voltados para a rua das Marrecas, permitindo concluir que já haviam começado a construir casas voltadas para aquela rua. Há um pequeno cômodo menor do lado direito, com uma parede cega que possivelmente deveria ser demolida para permitir um melhor alinhamento das salas.



Fig. 6-
existência.

Possível pré-

A comparação da planta com a iconografia aponta um pequeno problema no limite direito da casa. A iconografia mostra desse lado um cômodo com duas janelas para os fundos, e três portas abrindo para um terraço. A existência desse terraço é confirmada pela descrição do inventário. A planta não tem tal terraço, nem a sala em questão possui dimensões que possibilitem a abertura de três vãos, estando já colada na divisa.

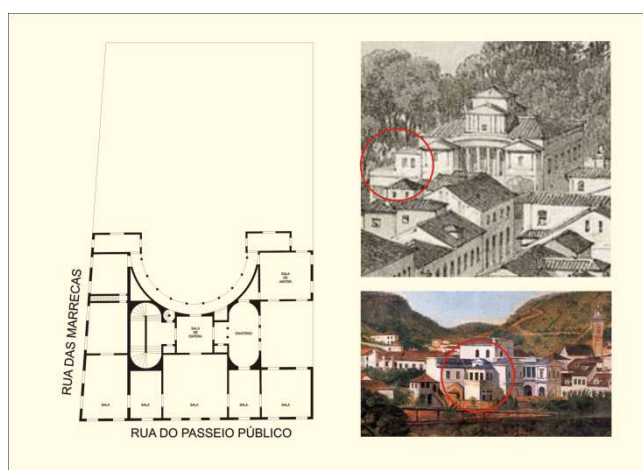


Fig. 7 - A sala com terraço.

O que foi possível apurar em relação à divisa da direita da casa é que a linha divisória não era ortogonal à Rua do Passeio como está no desenho, o que reforça seu caráter de estudo preliminar. Esta inclinação ainda é visível nas plantas cadastrais atuais, embora não seja perceptível por quem passa pela rua do Passeio. Adotando-se o ângulo que aparece no levantamento de 1870, é possível ter os vãos e o terraço conforme mostra a iconografia.

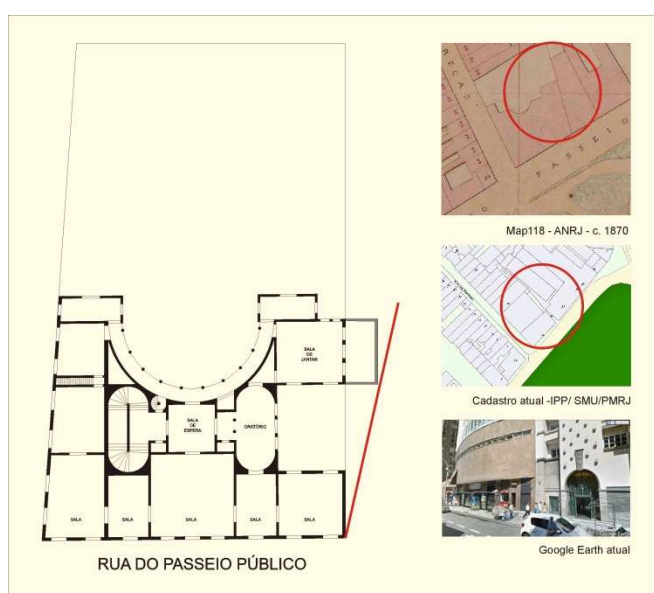


Fig. 8 – O limite lateral direito.

Prosseguimos com a distribuição do andar nobre. O inventário não nomeia todos os cômodos, havendo cinco salas, sala de jantar, sala para oratório e vários quartos para cômodos. Estes últimos são de atribuição difícil, mas entre as funções mais comuns estão o gabinete e a sala de costura. Os dois usos provavelmente apareceriam na casa dos Oliveira Barbosa, já que o inventário demonstra que eram possuidores de vasta biblioteca e mapas, e que Tomásia tinha um bom acervo de tecidos e rendas, possuindo também uma caixa de costura. Destacamos a existência de cinco salas voltadas para o Passeio, além da sala de jantar, o que indica suntuosidade, uma vez que as grandes casas na cidade não costumavam ter mais de três salas. A ausência de descrição dos revestimentos no inventário não nos permite ainda recompor a ornamentação dos ambientes, em especial das salas nobres que pelo padrão da construção certamente deveriam ter recebido pintura e estuque, talvez também papéis de parede.

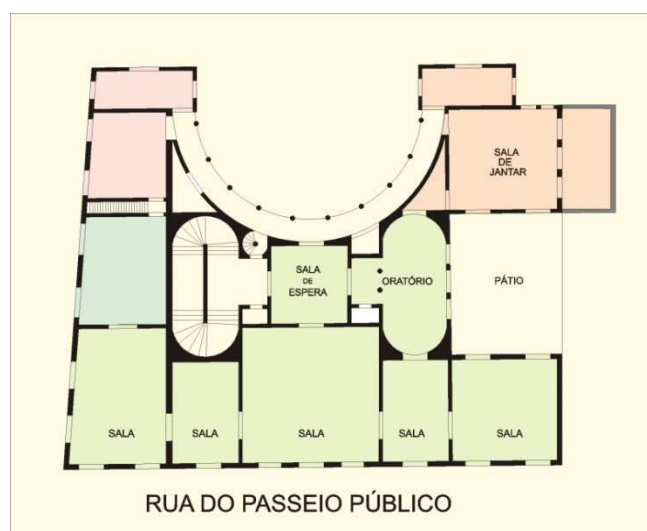


Fig. 9 – Distribuição do pavimento nobre.

A partir do pavimento nobre buscamos reconstituir os outros dois andares, e os telhados.

O pavimento térreo era dedicado aos serviços. Como bem salienta Hélder Carita (2016), os serviços são uma parte da casa considerada pouco significativa, ou mesmo não merecedora de preservação. Geralmente são muito mal descritas nos inventários, e sobre elas há sempre muito pouca documentação. O inventário de Maria Tomásia descreve de modo sumário este pavimento: “e também na loja seus quartos com Cocheira e Cavalaria e despensa e cozinha com sua área de um lado calçada de pedra”. O documento aponta também a existência de um saguão ladrilhado neste piso.

Acreditamos que a cocheira e a cavalaria se localizassem para a frente do Passeio, seguindo um padrão que encontramos na mesma rua na casa do Conde da Barca: cocheira para um lado do saguão, com a casa de arreios, e a cavalaria para o outro, com seu depósito.

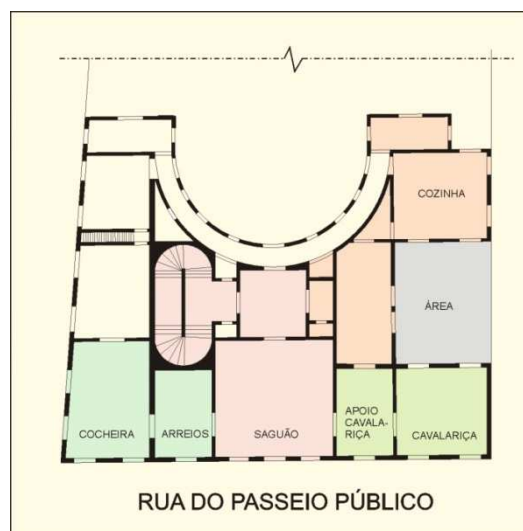


Fig. 10 – A distribuição do pavimento térreo.

A cozinha numa casa desse porte incluía mais que simplesmente a despensa. Recorremos mais uma vez a CARITA (2016):

“Uma primeira zona, constituída em torno do espaço da cozinha, organizava-se com despensa, forno e casa das maçãs, demarcando-se do conjunto pelas suas maiores proporções e melhores acabamentos. Como precaução contra os incêndios, as cozinhas eram normalmente abobadadas, sendo frequentemente azulejadas.”

O inventário cita paredes, arcos, abóbadas e colunas de tijolo. É provável que as abóbadas estivessem na área da cozinha sustentando a sala de jantar e o terraço lateral. O uso de tecnologia de tijolo chama nossa atenção para a mudança de Grandjean de Montigny para a chácara da Gávea. Lá o arquiteto era possuidor de uma olaria, fabricando tijolos e telhas. É possível que tenha trabalhado na execução de seus projetos, tornando-se também fornecedor de materiais de construção. O uso de tijolo era comum no Rio de Janeiro, e muitos dos grandes negociantes eram possuidores de olarias provavelmente suprindo matéria prima para as muitas casas que construía como investimento.

Acreditamos que toda a área à direita e ao fundo pudesse estar de alguma forma às funções da cozinha, abrigando além da despensa depósitos mais específicos, como uma adega.

O pavimento térreo nos traz outro problema. O inventário descreve a existência de um mezanino, o que seria comum nas áreas de serviço, usado principalmente para os alojamentos de criados. Este mezanino não aparece nas fachadas, nem na iconografia do século XIX, nem nas fotos já do século XX. A descrição é sugestiva de um acesso pelo saguão, ou pela pequena sala que lhe ficava aos fundos. Isso explicaria a falta de vãos para as fachadas, mesmo que fossem apenas óculos, pois a ventilação para os fundos ficaria dissimulada atrás do hemicíclo, que no pavimento térreo não tinha colunas.

A circulação vertical se fazia por três escadas. A escada de aparato atendia apenas o pavimento nobre, não alcançando o sótão. Este era servido pela pequena escada em caracol contígua à grande escadaria. Essa escada deveria dar acesso ao mezanino, possivelmente localizado na área em lilás, ou foi acrescentada outra que ainda não aparece nesta planta. A escada reta na lateral da rua das Marrecas poderia ser uma entrada privativa, talvez dando acesso ao gabinete de Oliveira Barbosa, evitando que seus contatos de negócios precisassem entrar na casa.

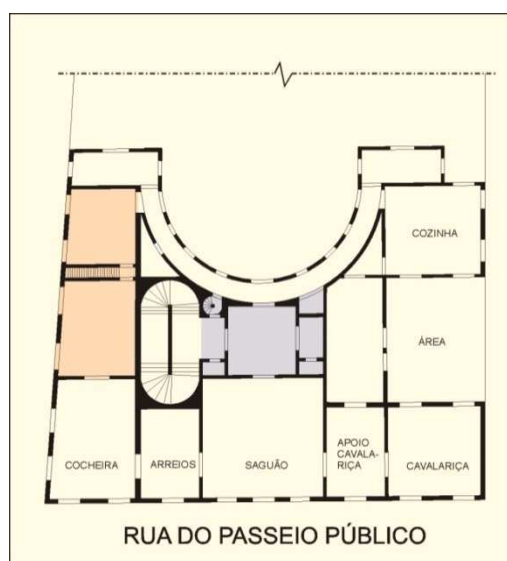


Fig. 11 – Circulações verticais

O segundo pavimento ocupava apenas o corpo central da edificação. Nele ficava o setor íntimo, com janelas para frente, lados e fundos. Estava dividido em sala e quartos para cômodos, um dos quais era forrado de madeira, sendo o resto forrado de estuques. Da mesma forma que as demais janelas da casa, as do sótão tinham vidros. Cento e vinte vidros grandes para vidraça constam do inventário, o que faz crer que todas as casas construídas por Oliveira Barbosa deviam ter esse conforto.

A cobertura da casa tem forma complexa, sendo composta de fato por vários telhados ligados por calhas. De modo geral os telhados têm duas águas e uma tacaniça, possibilitando altura menor e uso de platibanda. Em alguns pontos foram usadas duas águas, arrematadas por frontões. A reconstituição foi possível através da iconografia.

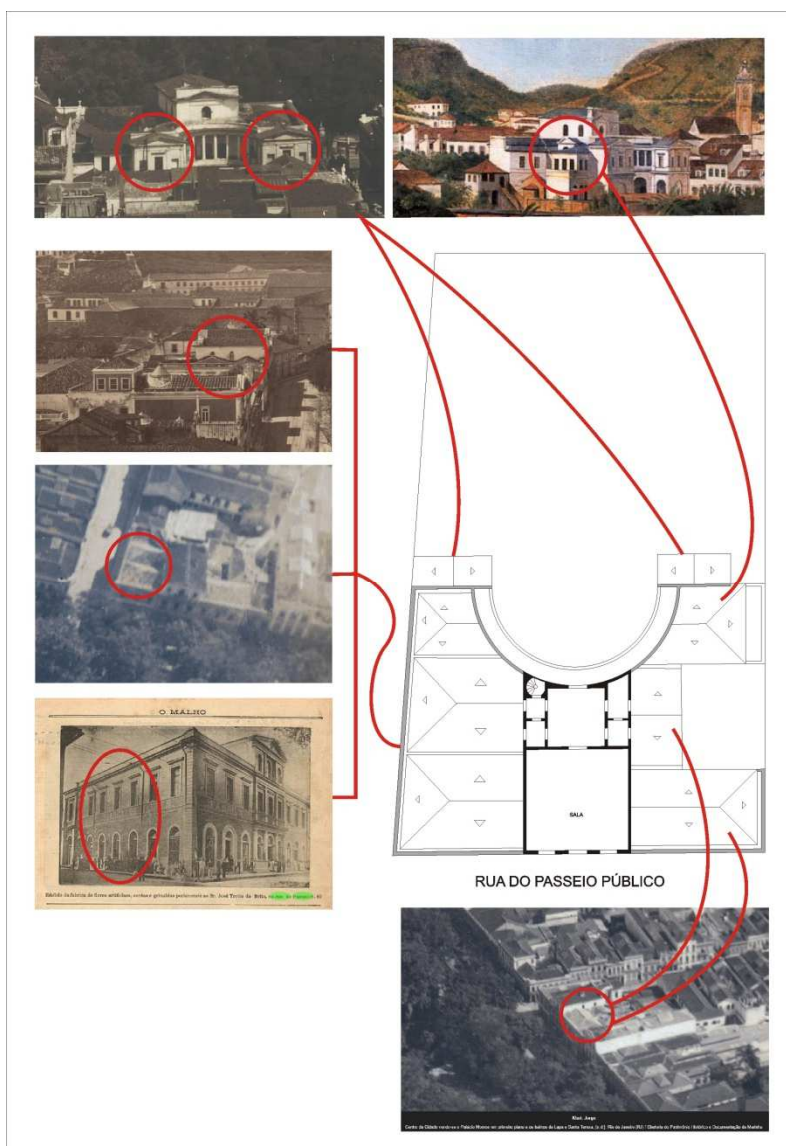


Fig. 12 – Sótão e reconstituição dos telhados.

A opção por este tipo de telhado em clima tropical chuvoso, e sem o recurso de impermeabilização eficiente, certamente gerou problemas. Podemos supor que Grandjean, ainda recém-chegado, não tivesse ainda se defrontado com os rigores do clima e seus efeitos nas edificações. Os problemas enfrentados na casa de Oliveira Barbosa não passaram despercebidos de seus inimigos:

Quelle détestable logique que celle de Messieurs de la colonie française et de leurs adhérens! M. Grandjean, dans l' éloge qu' il fait de lui- même, prouve seulement qu' il est bom dessinateur d' architecture, et non pas bom architecte. L' architecture étant l' art de bien bâtir, et M. Grandjean ne bâtissant que des édifices qui s' écroulent (la Bourse) ou dans lesquels la pluie pénètre de tous les Côtés (la maison de M. José d'Oliveira Barbosa) permettra bien qu' on puisse dire qu' il n' est que dessinateur d' architecture, et rien de plus.¹⁹

De fato, o uso de calhas por si só já apresentaria dificuldades, mas o hemicíclo trouxe o problema adicional da interseção da superfície curva com os planos dos telhados.

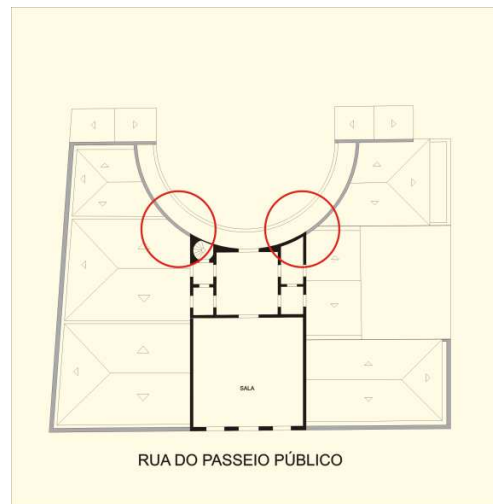
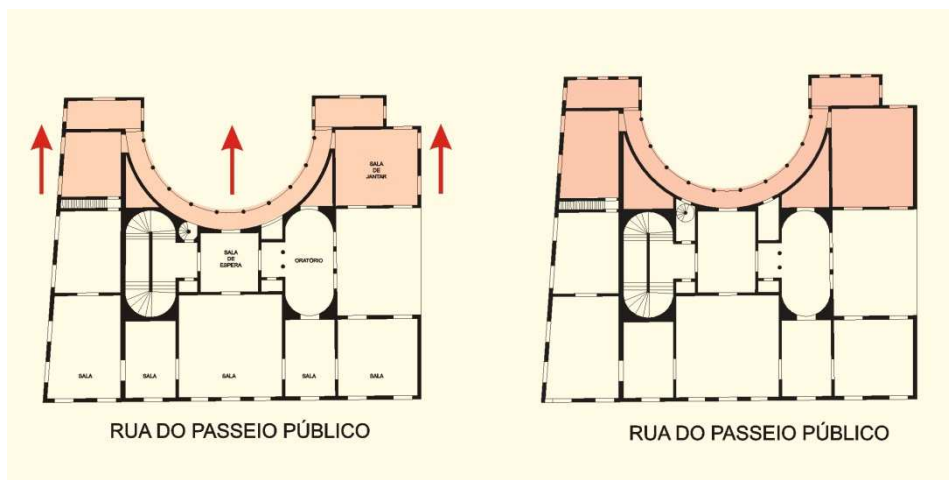


Fig. 13 – Pontos críticos dos telhados.

Acreditamos que esse problema foi percebido ainda na fase projetual, por que o original da planta preservado indica algumas opções para as proporções do hemicíclo e sua inserção na planta. A tentativa de evitar essa interseção exigiria um alargamento do trecho central da casa para o fundo, concentrando o problema nos dois telhados menores, como mostra a fig. 14.



¹⁹ Carta enviada por Pedro Alexandre Cavroé. *L'Echo de L'Amérique du Sud* [Periódico] : journal politique, commercial et littéraire Rio de Janeiro, RJ : Imperial Typ. de P. Plancher-Seignot, 1827- . Hemeroteca Digital, PR-SOR 00298 [1].

Fig. 14 – Alargamento da casa para o fundo.

A planta resultante dessa ampliação para o fundo tem proporções mais condizentes com o que aparece na iconografia. Além disso, a divisão central voltada para a rua das Marrecas aparece nas imagens com três vãos, enquanto tem apenas dois na planta da Biblioteca Nacional, indicando que de fato foi construída um pouco maior do que o estudo preliminar indica.

A bela casa da rua do Passeio não era a única propriedade imobiliária da família. O casal foi proprietário de outras casas urbanas. Embora tenham comprado casas no Largo da Carioca e na rua das Violas, não os conservavam quando da morte de Tomásia. Os imóveis que aparecem no inventário ficavam na rua das Marrecas, parte da herança dos Gonçalves. Eles investiram também numa chácara, local de lazer e abastecimento básico para a família.

A chácara ficava no Catumbi Grande, e foi comprada em 21 de março de 1805, com pertences e escravos, à viúva Dona Apolônia da Costa²⁰:

“Escritura de venda de uma chácara que fazem Dona Apolônia da Costa, viúva do capitão José da Costa, e seu filho Antônio José da Costa ao Coronel José de Oliveira Barbosa – com seus pertences e escravos, sita no Catumbi Grande, que parte de uma banda com outra do cirurgião João Antônio Damasceno e da outra com a dita de Dona Quitéria Flora e o Capitão José Peixoto (ou Pinto) Dias, correndo os fundos a entestar com terras ou chácara do Capitão Francisco Pires Leal, a qual houve por herança do Capitão José da Costa, que falecendo deixou de herança à sua mulher e filho, metade para cada um, no valor de 6:200\$000” 21/03/1805. AN, 4ON, 123, p. 66 *apud Base de dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara, sécs XVII e XVIII.*

A casa aparece como um bloco retangular acompanhado de pequena edícula no projeto de 1816 de nova linha de aquedutos para abastecer a cidade²¹. Alguns dos vizinhos do Catumbi aparecem também na área do Passeio Público, como Luiz de Souza Dias²², que foi genro de José Egídio Álvares de Almeida, e José de Souza Murça²³, sogro do bibliotecário Marrocos.

²⁰ Esclarecemos que o vizinho de Oliveira Barbosa era o negociante José Pinto Dias, pai de Luís de Souza Dias.

²¹ *Planta topographica do terreno comprehendido entre Andrahy Grande e o Campo de Santa Anna*. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cartografia. ARC 019,02,023. Disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart539241/cart539241.jpg, acesso em 05/07/2017.

²² Luís de Souza Dias foi negociante e diplomata. A propriedade do Catumbi foi herdada de seu pai José Pinto Dias, e aparece na Décima Urbana como pertencente a Viúva Dias e Filhos, firma que sucedeu José em seus negócios.

²³ Décima Urbana. 1825. AGCRJ.

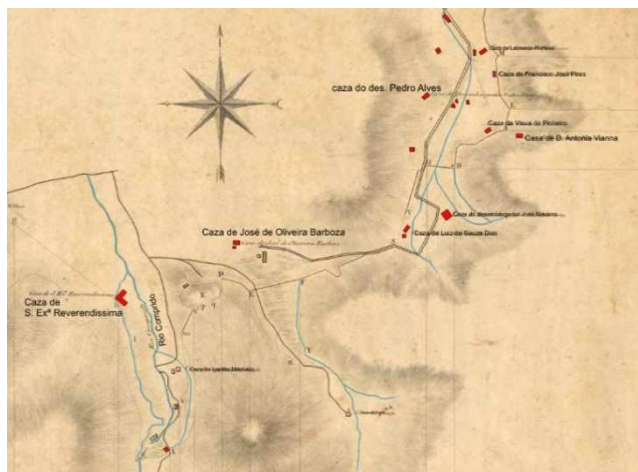


Fig. 15 – Localização da chácara e vizinhos. Planta topográfica do terreno compreendido entre o Andaraí Grande e o Campo de Santana. BNRJ, Cartografia, ARC 019,02,023.

A descrição do inventário de Tomásia apresenta uma casa bastante típica das áreas rurais do Rio de Janeiro:

Outra morada de casas, térrea, dentro em uma Chácara em um lugar denominado Catumbi Grande, cuja tem de frente setenta palmos e de fundo cento e vinte e cinco Toda formada sobre paredes dobradas de tijolos e pilares e frontais do mesmo as suas divisões com uma varanda à frente, formada colunas de tijolo e seus parapeitos, ladrilhada, com sala, duas alcovas e seus quartos para cômodos, despensa e cozinha forrada e assoalhada, sala, três quartos, com sua varanda do fundo ladrilhada, com seu portão de madeira para o fundo, assim mais na frente da casa seu pátio ladrilhado de tijolo, o que digo de tijolo, com duas escadas, uma de pedra e outra de tijolo que dão entrada para a casa...

O uso de tijolo em parede dobrada e frontal, além dos pilares, e ladrilho pavimentando as varandas e pátios denota uma construção mais cuidada. Ainda eram comuns nesse período casas rurais de adobe e pau-a-pique, mesmo em áreas muito próximas ao centro urbano. A casa não seria muito diferente daquela desenhada por Jean Baptiste Debret para o *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (DEBRET, 1965). Debret descreve uma típica casa de chácara nas imediações da cidade com uma planta, duas fachadas e perspectiva do pátio interno. Acreditamos que a chácara descrita por Debret seja a de Luís de Souza Dias, cuja propriedade no Catumbi confrontava com a de Oliveira Barbosa, e que sabemos foi frequentada pelos artistas franceses²⁴. As duas casas têm em comum as varandas frontais e dos fundos, executadas com pilares de tijolo sobre parapeito, feição que caracteriza uma das tipologias de casa rural do Rio de Janeiro na classificação de Joaquim Cardoso (1937, p. 209-256). As casas de chácara são menores que as casas de fazenda ou engenho de que trata o trabalho de

²⁴ A menção à chácara de Luís de Souza Dias aparece em documentação de Symphorien Meunié, assistente de Grandjean de Montigny, encontrada pela Profa. Margareth da Silva Pereira nos Archives Nationales em Paris.

Cardoso: têm apenas uma sala, contra três ou cinco das grandes propriedades rurais, e o número de alcovas e quartos também é menor. Os desenhos de Debret mostram um segundo pavimento parcial, enquanto que a casa de Oliveira Barbosa era integralmente térrea.

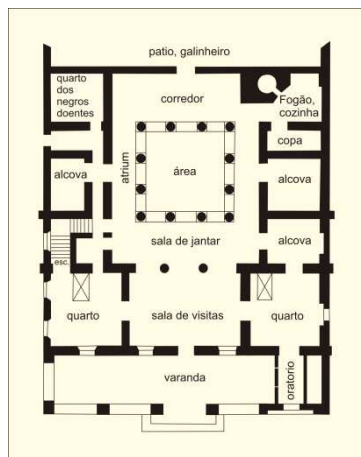


Fig. 16 – Planta de uma casa de chácara, desenhada por Debret

É possível que o já mencionado trabalho de Grandjean de Montigny para Luís de Souza Dias no Catumbi²⁵ tenha sido uma intervenção nessa casa, quando fez contato com a arquitetura rural fluminense, quem sabe já estudando soluções que seriam mais tarde desenvolvidas na reforma da casa de sua própria chácara da Gávea.

Neste artigo apresentamos algumas propostas, ainda de cunho preliminar, de tratamento de múltiplas fontes documentais, como jornais, inventários, plantas, fotografias e pinturas, com o fim de reconstituir imóveis perdidos, rever trajetórias de profissionais e encomendantes e interpretar documentos. O estágio atual de tratamento e digitalização dos acervos documentais permite acesso a fontes primárias de forma inédita, tornando necessária a revisão da literatura clássica sobre história da arquitetura no Brasil, produzida majoritariamente no século XX. Os dois trabalhos apresentados neste Colóquio são os primeiros estudos sobre documentação inédita, que deverão ser complementados a partir de uma análise mais demorada dos documentos no sentido de recompor os ambientes com móveis e objetos, bem como permitir a comparação com outras casas inventariadas do mesmo período.

²⁵ “Mr. Grand-Jean não ficou sem ter o que fazer; foi o Arquitecto das cazas do Excellentissimo José de Oliveira Barboza, e do Sr. Luiz de Souza Dias;” *Diário Fluminense*, 28 de janeiro de 1828.

Referências bibliográficas

Fontes documentais

Inventário de Maria Tomásia de Oliveira Gonçalves. ANRJ, CODES, Juízo de Órfãos e Ausentes, ZN, n.4075, caixa 916, gal. A

Décima Urbana do Rio de Janeiro. AGCRJ.

Plano da Cidade do Rio de Janeiro Capital do Estado do Brazil. José Custódio de Sá e Faria. 1769. Original manuscrito da Mapoteca do Itamarati (Ministério das Relações Exteriores), Rio de Janeiro.

Periódicos

Diário Fluminense, 28 de janeiro de 1828

Frankfurter Ober-Post-Amts-Zeitung, 1º de junho de 1814.

Jornal do Comércio, 7 de março de 1888.

L'Echo de L'Amerique du Sud [Periódico] : journal politique, commercial et litteraire Rio de Janeiro, RJ : Imperial Typ. de P. Plancher-Seignot, 1827. Hemeroteca Digital, PR-SOR 00298 [1].

Fontes bibliográficas

CARDOSO, Joaquim. “Um tipo de casa Rural no Rio de Janeiro”. *In Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 7, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1937, p. 209-256.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro Setecentista**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2004.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1965.

FRAGOSO, João Luís. **Homens de Grossa Aventura. Acumulação e Hierarquia na Praça Mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

MARROCOS, Luís Joaquim dos Santos. **Cartas do Rio de Janeiro. 1811-1821**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008, p. 444. PESSOA, Ana; BANDEIRA, Júlio; LAGO, Pedro Corrêa. **Pallière e o Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2011.

TORRES, Mário H.G. A casa de Grandjean de Montigny na Gávea. *In Uma cidade em questão. Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC/FUNARTE/Fundação Roberto Marinho, 1979. Catálogo da exposição realizada no Solar Grandjean de Montigny.

Fontes bibliográficas digitais

Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara Sécs. XVII e XVIII. Disponível em www.mauricioabreu.com.br/escrituras. Acesso em 24 jun. 2017.

CARITA, Hélder. Das águas furtadas às estrebarias: zonas de serviço na casa senhorial entre os séculos XV e XVIII. In PESSOA, Ana; MALTA, Marize (Organizadoras). **Anais do II Colóquio Internacional A Casa Senhorial: anatomia dos interiores**. Rio de Janeiro: FCRB, 2016. Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Seminarios/anais_II_Coloquio_Casa_Senhorial.pdf. Acesso em 7 jul. 2017.

MAGALHÃES, Antonio Maximo de Souza. **Fachadas e plantas baixas da edificação.** Iconografia. ARC.29.8.4(6). Disponível em http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=36830. Acesso em 5 jul.2017.

Plano da cidade do Rio de Janeiro elevado em 1791 oferecido ao Ilmo. Senhor Concelheiro Luis Beltrão de Gouveia de Almeida chanceler da rellação desta cidade [Cartográfico]. BNRJ. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart168854.jpg Acesso em 10 abr. 2017.

Planta do palacete Oliveira Barbosa, a rua do Passeio. BNRJ.[Iconográfico] Disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon325970/icon325970.jpg. Acesso em 6 jul.2017.

Planta topographica do terreno comprehendido entre Andarahy Grande e o Campo de Santa Anna: por onde devem conduzir-se as lagôas do Rio Maracanã a entrar no Rio Comprido e deste no chafaris do dito campo pelo aqueducto que se acha em parte construído pelo tenente coronel engenheiro hydraulico José Carlos Conti. [S.l.: s.n.], 1816. 1 mapa ms., col., amig aquarelado, desenho a nanquim, 74,5 x 103cm. BNRJ, Cartografia - ARC.019,02,023. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart539241/cart539241.html Acesso em 29 abr. 2017.

PESSOA, Ana, SANTOS, Ana Lucia Vieira dos, PEREIRA, Margareth da Silva, PEIXOTO, Priscilla. Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850). Inventário e questões de método. In CAVALCANTI, Ana; MALTA, Mariza; PEREIRA, Sonia Gomes; (Orgs.). **Histórias da Escola de Belas Artes: revisão crítica de sua História - Painéis de pesquisa. Rio de Janeiro:** EBA/ UFRJ/ 2016. P. 68-87. Disponível em <https://joaosextoseminario.files.wordpress.com/2016/07/anais-eletrc3b4nicos-do-vi-seminc3a1rio-do-museu-d-joc3a3o-vi-painc3a9is-de-pesquisa-2015.pdf>. Acesso em 30 jun. 2017